

Conjuntura Nacional e Internacional

Contribuição 1

COLETIVO “SEMPRE NA LUTA LUTADORES E PIQUETEIROS”

CONJUNTURA INTERNACIONAL

Vivemos um período de aprofundamento da crise estrutural do capitalismo com o crescimento da destruição das forças produtivas (trabalho humano) sem retorno.

Chegamos na disjuntiva prevista pelo marxismo, muito apontada pela revolucionária alemã Rosa de Luxemburgo: **“SOCIALISMO OU BARBÁRIE”**.

O avanço tecnológico: robotização, a informatização, a inteligência artificial, que deveriam proporcionar a diminuição do número de horas de trabalho, para produzir o necessário para atender as necessidades do ser humano, no capitalismo decadente, tem levado ao desemprego estrutural, a precarização do trabalho e a constante retirada dos direitos históricos, o achatamento dos salários e renda dos trabalhadores para manter a taxa de lucro dos patrões.

Cresce a desigualdade social com uma concentração absurda nas mãos de cada vez mais poucos e do empobrecimento e da miséria de uma parcela cada vez maior da população.

A história já demonstrou, fartamente, que as crises profundas são próprias ao surgimento do fascismo e das ideologias de extrema direita, como ocorreu nas primeiras décadas do século XX, quando surge o nazismo e o próprio fascismo.

Mas, também, como constatou o velho Marx: **“As crises são parteiras da revolução”**.

As catástrofes humanitárias como assistimos no massacre genocida implementado pelo Estado sionista de Israel ao Povo Árabe Palestino, o crescimento de guerras imperialistas ou conflitos internos, como vemos na África ou, neste momento, no Haiti, onde cerca de 200 gangues armadas disputam o poder, são também, típicas da crise capitalista.

Na Palestina o colonialismo sionista usa a fome, a sede, a distribuição dos equipamentos de saúde, como armas, além da destruição das casas por bombardeios e uso de armas químicas como o “pó branco”, como forma de tentar exterminar e expulsar um povo da sua terra natal.

Na Guerra da Ucrânia, mais uma vez, vemos que as vítimas são da nossa classe, com milhares de mortos mutilados pelos interesses expansionistas de chefes de governos imperialistas como Putin (Rússia), Biden (Estados Unidos) e os governos europeus que formam a OTAN, que crescem e lucram com a carnificina dos trabalhadores.

O aumento crescente da criminalidade com o recrutamento em massa, em especial da juventude, para o crime, é outra decorrência desta crise.

O deslocamento de multidões de seres humanos, fugindo dos seus países, expulsos pela fome e violência das guerras ou das gangs e sendo mortos e mutilados pelas forças de repressão dos países, os migrantes é o maior deslocamento humano desde a segunda guerra mundial.

Toda esta barbárie do capitalismo em ruína, não será superada sem que a classe cumpra seu papel histórico de exercer a solidariedade internacional, unificando nossas lutas e construir a Revolução Socialista Mundial, rumo a sociedade sem classes: **O COMUNISMO**.

Assim propomos:-

- Fim do massacre ao povo palestino! Fim dos bombardeiros e retirada imediata das tropas de Gaza e da Cisjordânia! A abertura imediata da Faixa de Gaza e pela sua reconstrução bancada pela ONU.

- Pelo fim do Estado de Israel! Pela ruptura das relações Brasil-Israel e que a USP rompa suas relações com o Estado de Israel.

- Por uma Palestina livre, operária e socialista.

- Solidariedade aos imigrantes, principalmente aos Haitianos.

- Contra as tropas brasileiras intervirem no Haiti.

- Solidariedade ao companheiro Cesare Battisti, pela sua liberdade e a todos presos políticos.

- Continuar a participação e a construção da **REDE DE SOLIDARIEDADE E LUTAS INTERNACIONAIS DA CSP/CONLUTAS**. Devemos lutar contra o corporativismo e praticarmos o internacionalismo.

A luta dos trabalhadores (as) é uma luta internacional. **“Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos”**.

- A classe trabalhadora é uma só e sem fronteiras.

- Abaixo a exploração capitalista! Que a crise seja paga pelos capitalistas! Por uma sociedade sem classes, exploração e opressão.

- Por um mundo sem fronteiras e pela autodeterminação dos povos.

- Abaixo os campos de concentração e centros de detenção de imigrantes e refugiados nos Estados Unidos e Europa e em todo o mundo.

- É hora de defender a Revolução! Por um governo de trabalhadores e ruptura com o capitalismo, rumo a uma **SOCIEDADE SOCIALISTA E COMUNISTA**.

CONJUNTURA NACIONAL

CARACTERIZAÇÃO DO GOVERNO LULA

O governo Lula é um governo de Frente Ampla, amparado na burguesia nacional, apoiado pelas grandes centrais sindicais, que tem governado para os ricos, agronegócio e milicos. Temos um governo de conciliação de classes demonstrado na aprovação do arcabouço fiscal que cortou verbas da Educação, Saúde e políticas públicas para a assistência social dos pobres deste país, que continuam sendo milhões que vivem na insegurança alimentar e na pobreza extrema, sendo milhares com o corte do bolsa família.

A Democratização do país

A Democracia no Brasil continua correndo risco. A extrema direita vive nas ruas e institucionalmente. Está armada até os dentes, através dos CAC. Este ano comemoramos 60 anos do Golpe Militar e já sabemos que o dia 08/01/2023 foi realmente uma tentativa de Golpe. O Governo Lula fecha os olhos, controla as grandes Centrais Sindicais e o MST, que não chamam a classe para a rua.

Lula peca ao acreditar na direita e a extrema direita predomina e controla o governo que continua a despejar bilhões aos milicos.

Autodefesa

A extrema direita cresce no mundo e no Brasil. É hora de acreditarmos e construir a autodefesa. No ato do dia 25/03/2024, bolsonaristas diziam em “pacto de não agressão” às instituições, mas falavam em “guerra civil” e continuam se armando.

Acreditamos na autodefesa, inclusive tecnológica, para enfrentarmos a extrema direita, inclusive dentro da própria USP.

Que CSP/CONLUTAS, Movimentos Populares e o SINTUSP continue as discussões da autodefesa.

O **Marco Temporal** desnudou o genocídio dos indígenas Yanomami pelo governo Bolsonaro e a destruição do meio ambiente pelos garimpos ilegais e Lula não deu recursos suficientes para o combate a todas mazelas encravadas nos territórios indígenas, inclusive ao crime organizado que se alastra na Amazônia.

A **Terceirização e a Privatização** -Os governos avançam na terceirização, precarização e privatização dos serviços públicos, inclusive o SUS – SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE, entregando os equipamentos de saúde para as Fundações e Organizações Sociais. Agora, governo Federal e Estaduais atacam os serviços públicos com a **REFORMA ADMINISTRATIVA** que retira direitos dos servidores públicos, precarizando relações trabalhistas e o atendimento à população. Acaba inclusive com o Concurso Público.

A terceirização e a precarização das relações trabalhistas, hoje é o grande desafio nos sindicatos. Certamente é a mais importante, pois tem aspectos e elementos profundos, desenhando novo perfil da classe trabalhadora e novos sujeitos revolucionários. Daí a importância de discutirmos e aprofundarmos esta discussão no nosso sindicato e impulsionar também na CSP/CONLUTAS, e nos relacionando profundamente com os Movimentos Populares, como **Movimento Popular de Lutas**.

O nosso sindicato já deu um grande passo, ao lutar junto aos terceirizados e lançar ao “Manifesto contra a Terceirização e a Precarização”. Continuemos a discussão.

Seguimos acreditando na construção da nossa **CSP – Central Sindical e Popular/CONLUTAS**. Neste momento nos contrapomos a nossa participação na **FASUBRA**, entidade que respeitamos, com minoria de servidores públicos estaduais que não negociam com o governo federal, levando em conta a situação econômica do sindicato. Lutemos para manter e fortalecer o FÓRUM DAS SEIS, impulsionando este ano a **CAMPANHA SALARIAL** para arrancar salários dignos. Ver Boletins do Fórum das Seis.

Frente a situação da classe trabalhadora vivenciada, principalmente pelas mulheres e sem soluções dos grandes problemas nacionais, temos como tarefas:-

1. Fortalecer a CSP/Conlutas e construir com independência de classe, um campo de unidade de ação em defesa dos interesses imediatos de nossa classe, contra a política econômica do Governo Lula;
2. Autonomia e independência frente aos governos, partidos e patrões, alavancando a organização por local de trabalho e territorial;
3. Lutar contra as Leis que irão instituir o Arcabouço Fiscal já aprovado;
4. Não ao Marco Legal da Ciências e Tecnologia.
5. Não a Reforma Administrativa;
6. Pela revogação das Reformas Trabalhistas, Previdenciária e do Novo Ensino Médio;
7. Contra aprovação do STF sobre a competência da Justiça Trabalhista;
8. Dobrar o salário mínimo, rumo ao salário do DIEESE, principalmente dos aposentados;
9. Redução de Jornada de Trabalho sem redução dos Salários;
- 10) Anulação imediata das Privatizações da Eletrobrás, Metro de MG e de todas as vendas de ativos da Petrobras e empresas estatais privatizadas;
10. Estatização da AVIBRÁS JÁ;
11. Contra a privatização de todas as empresas públicas, entre as quais SABESP, CPTM e Metro
12. Expropriação de todas as empresas que se utilizam de trabalho escravo;

13. Redução e congelamento dos preços dos alimentos, tarifas públicas, aluguel, combustíveis e gás de cozinha;
 14. Suspensão imediata do pagamento da dívida pública com auditoria;
 15. Despejo Zero e implantação do PAC voltado para a construção de moradias populares, saneamento básico, escolas, Creches, Casas de Abrigo, Centros de Esporte, Cultura e Lazer públicos;
 16. Proteção aos povos originários e sua cultura e demarcação de todas as terras indígenas e quilombolas. NÃO AO MARCO TEMPORAL;
 17. Reforma Agrária sem indenização do latifúndio e agronegócio, controle dos trabalhadores e defesa da agricultura familiar;
 18. Suspensão imediata do pagamento da dívida pública, com auditoria;
 19. Em defesa da Amazônia e de todas as nossas florestas e áreas de proteção ambiental;
 20. Em defesa das liberdades democráticas, sem anistia aos golpistas. Pelo fim das prisões dos ativistas do movimento sindical e popular.
 21. Não a criminalização dos movimentos populares e revogação da Lei Antiterrorismo;
 22. Chega do encarceramento em massa do povo pobre e negro. Pela desmilitarização da PM;
 23. Punição de todos os torturadores e abertura dos arquivos da Ditadura. Pela Revogação da Lei da Anistia;
 24. Nenhuma anistia e punição aos golpistas de 08/01/2023;
 25. Em defesa do SUS e Piso da Enfermagem;
 26. Participação da Campanha pelos Direitos Sociais.
-

Assina:

COLETIVO “SEMPRE NA LUTA LUTADORES E PIQUETEIROS”

Contribuição 2

Comunistas Revolucionários

Conjuntura Nacional e Internacional

O eixo central da conjuntura mundial é a guerra na Ucrânia, resultado da interferência progressivamente maior dos Estados Unidos no país. O marco inicial da guerra foi um golpe de estado realizado em 2014 – golpe que só foi possível aliando grupos armados neonazistas, partidos tradicionais da direita e o imperialismo. Após o golpe, o Partido Comunista e as organizações de esquerda foram proscritas legalmente. A direita tradicional, desgastada pela crise, representada pelo bilionário ex-presidente Petro Poroshenko, perdeu espaço, como em várias outras partes do mundo, para arrivistas de roupagem mais jovial, transferindo a presidência para o comediante Volodymyr Zelenskyy.

O golpe de 2014 desencadeou uma forte reação popular, culminando com a desanexação da Crimeia e o surgimento de movimentos separatistas no oriente. Plebiscitos pela autonomia territorial foram realizados em Lughansky e Donetsk, e o resultado foi uma esmagadora demonstração de apoio ao presidente deposto em 2014, Viktor Yanukovich. Os plebiscitos não foram reconhecidos pela comunidade internacional e o governo ucraniano passou a realizar sucessivos ataques a esses territórios, violando sua autonomia, os direitos humanos mais elementares e desconsiderando a vinculação étnica, linguística e cultural da população desses territórios com a Rússia.

Ameaçar os dissidentes com a instalação de bases militares da OTAN na Ucrânia foi a cartada final do imperialismo para impedir o desmembramento da Ucrânia e a perda de seus pretendidos enclaves, sendo esta ameaça um dos indicadores mais seguros de que a crise econômica do capitalismo exige, no seu patamar atual, novas incursões militares e disputas por território e áreas de influência, mesmo quando isso signifique provocar conflitos militares de alto potencial destrutivo.

As grandes potências - EUA à frente – demonstram estar dispostas a se aliar a todos os setores capazes de colocar em marcha sua política de agressões, até mesmo com grupos nazistas, o que desmente a versão de que a extrema direita e o imperialismo estejam necessariamente em choque. O batalhão Azov, na Ucrânia, originalmente uma milícia nazista, está oficialmente vinculado à Guarda Nacional.

Em Israel, a escalada da violência tem o apoio incondicional dos EUA e da direita internacional. Enquanto isso, a “esquerda” se recusa a apoiar a resistência armada palestina e suas organizações de luta: Hamas, Frente Popular para a Libertação da Palestina, etc. Essa esquerda quer se manter no terreno do imperialismo e das negociações diplomáticas viciadas da ONU e do seu macabro conselho de segurança. Mais uma infantilidade moralista inaceitável; uma política sem pragmatismo e sem realidade nenhuma que deve ser duramente condenada.

Sendo a crise do bloco dominante economicamente tão grave, a ideia de livre mercado já não pode mais se sustentar nem como miragem. Os EUA atacam principalmente a China e impõem restrições severas à sua atividade econômica. No mais recente exemplo desse ataque, o Tik Tok está sendo obrigado a vender sua companhia para uma empresa norte-americana, caso queira manter-se operando no país. O pretexto é ridículo: ela seria uma ameaça à segurança dos dados dos seus usuários; mas o que dizer dos usuários das redes sociais estadunidenses que atuam mundo afora? Seus dados não estão sendo usados para os mais diversos fins escusos, como, por exemplo, ficou provado no caso da interferência da Cambridge Analytica em plebiscitos e eleições?

São os fatos internacionais mais relevantes que determinam a conjuntura política nacional e, de acordo com a situação política internacional, só há 2 posições possíveis: ser favorável à ingerência dos Estados Unidos sobre a política de todos os países; ou se opor ao imperialismo em todas as frentes e por todos os meios, associando-se a todos os que o combatam, identificando a dominação dos grandes conglomerados capitalistas sobre os países e governos nacionais como o maior inimigo dos povos, de qualquer sentido mesmo que vago de democracia, inimigo principal da paz e da prosperidade econômica, etc.

A derrota dos EUA na guerra ucraniana é certa e aponta para uma nova conjuntura, em que o imperialismo enfraquecido terá que fazer sérias concessões aos seus aliados menores. É preciso romper com esse bloco e impedir que as burguesias nacionais façam acordos que possam lhe dar fôlego novo. É hora de adotar uma estratégia ofensiva contra a política de arrocho salarial, inchaço artificial do setor de serviços, desnacionalização das economias e, principalmente, oferecer uma alternativa econômica compatível com os avanços tecnológicos e, ao mesmo tempo, garantidora do máximo bem-estar à população, erradicando o desemprego.

No campo do imperialismo, os identitários e a esquerda centrista funcionam como anteparo e apêndice da direita; são inimigos da classe operária. Essa classe média, centrada na ideia de que há democracia sob o capitalismo e de que é preciso defender essa democracia contra qualquer ameaça, é uma excrescência política obsedada pela ilusão da liberdade sob o capitalismo. Mais do que isso: tornaram-se aliados de toda hora das barbáries e atrocidades cometidas pelos EUA. Compõem esse bloco no Brasil: PSTU, Transição Socialista, etc.

Precisamos investir e apostar na revolução e na luta do povo contra qualquer tipo de governo dos ricos, dos empresários e dos bancos, formalmente democráticos ou não. A rigor, as eleições não mudam nada; são a forma de dominação da burguesia sobre o conjunto da população, um teatro circense ante um público atônito. Os direitistas disfarçados de esquerdistas que desviam a luta para o terreno eleitoral devem ser desmascarados como os mais perigosos adversários de um regime popular, sendo eles no Brasil: PSOL, PCB, UP, etc.

Com a esquerda que temos não vamos a lugar nenhum. Precisamos de um novo movimento de massas genuinamente operário e revolucionário.

Assinam:

Luiz Fellipe Lisbôa Mattos (FFLCH)

Idalina Fátima de Vale Nogueira (IP)

Contribuição 3

Situação Nacional

A CRISE DOS SINDICATOS E O SINTUSP

A organização sindical dos trabalhadores em todo o país está sendo duramente atacada, sobretudo desde a aprovação da Reforma Trabalhista. Ao mesmo tempo, os sindicatos e a esquerda estão desmoralizados e passam por sua pior crise.

Para nós do SINTUSP, somam-se aos ataques dos governos: a diminuição do quadro de funcionários, uma renovação no perfil dos trabalhadores, mais jovem e de níveis técnico e superior, e o empobrecimento da categoria; a queda significativa no número de trabalhadores sindicalizados; e ainda a grave crise financeira da entidade. Tudo isso foi acelerado pelos PIDVs e pelo congelamento das contratações de funcionários na USP, e agravado pelas punições aos grevistas de 2016 e 2018, pelo ponto eletrônico e pelo cerceamento da atividade sindical na universidade.

Hoje o nosso sindicato enfrenta grandes desafios para organizar essa categoria para combater os impactos da crise sobre trabalhadores. É urgente corrermos atrás do prejuízo e nos reinventarmos para encararmos as mudanças na categoria de trabalhadores da USP e para o momento histórico que vivemos. Mas o que precisamos mudar?

Consideramos que o desgaste e crise enfrentados hoje pelo SINTUSP não correspondem apenas a questões específicas do nosso sindicato e dos grupos políticos que nele atuam. A crise do SINTUSP neste momento histórico se associa ao desgaste geral do sindicalismo e da esquerda, que em décadas, sob a hegemonia do PT, se acomodou ao marasmo, à contenção e à parasitagem da classe trabalhadora promovida principalmente por este partido. A dificuldade do nosso sindicato em ser referência para a massa da categoria, sobretudo nos seus setores mais novos, é parte do mesmo processo de desmoralização geral do ativismo e do movimento sindical. Mesmo tendo se formado nos anos 80 contra a estrutura sindical herdada do getulismo e da ditadura, a CUT se adaptou a essa estrutura, e consolidou uma nova burocracia fundada no corporativismo, na estratégia eleitoral e em acordos de cúpula, inclusive na gestão e roubo de fundos de pensão que geraram fortunas para esses sindicalistas, que hoje rifam os direitos dos trabalhadores para manterem seus privilégios. Isso impactou todo o movimento sindical, mesmo as entidades dirigidas pela esquerda revolucionária e combativa.

Embora o SINTUSP e seus dirigentes históricos tenham resistido à gigantesca burocratização da CUT e da maioria dos sindicatos, seria impossível que não sofrêssemos a influência dessa adaptação ocorrida no movimento sindical como um todo. Aí está, e não em traços pessoais ou morais deste ou daquele dirigente, deste ou daquele grupo político, o fundamento para o que há de anacronismo no nosso sindicato e que precisa ser superado.

Evidentemente, os dirigentes históricos do SINTUSP não são burocratas como são os gangsteres da CUT, Força Sindical, e etc. Ao contrário, são companheiros que resistiram e garantiram um alto grau de democracia na nossa entidade e na condução da luta da categoria ao longo das últimas décadas. Mantiveram grande parte da democracia operária e da combatividade originários das grandes greves do final dos anos 70, e, a propósito, criaram condições para que camadas novas da militância pudessem se expressar nas instâncias do movimento, garantindo a renovação do ativismo no SINTUSP. Contudo, o peso de décadas de peleguismo majoritário no movimento sindical em geral também recai sobre as nossas cabeças e implica em alguns problemas no funcionamento e no programa que se cristalizaram no SINTUSP ao longo do tempo.

Por exemplo, é muito comum na categoria e em parte dos ativistas alimentar ilusões nas representações institucionais da USP, como se por meio de uma sub-representação concedida neste ou naquele colegiado, nesta ou naquela comissão, fôssemos capazes de realmente defender os nossos direitos. Muitos se sentem atraídos por esse tipo de estratégia, ou vêem nesse tipo de “cargo” uma forma de ascender na carreira. Apesar de ser importante ocupar taticamente estes

espaços, não podemos nos enganar com essas formas de "diálogo" com a burocracia acadêmica, que na verdade só servem para mascarar a violência dos reitores e diretores contra nós

Esse tipo de ilusão tem vários motivos, mas em grande parte advém da tradição reformista, que por décadas vendeu a esperança de que por dentro do sistema e conciliando com os patrões, os trabalhadores poderiam melhorar suas vidas. Deu no que deu. Foi muito decisivo para nos encontrarmos na atual situação de desmoralização, que a burocracia sindical desviasse toda força da classe trabalhadora nas últimas décadas para eleger seus candidatos nos governos e deputados, ao invés de fortalecer a luta direta dos trabalhadores, das greves, das assembleias e dos piquetes. No mesmo sentido, é recorrente até hoje entre nós, nos iludirmos com articulações de deputados na ALESP e lobbys com os reitores para defendermos as universidades, quando na verdade estes senhores só estão interessados nos seus próprios privilégios e reeleições.

São muitos os exemplos de como o programa conciliatório contaminou e enfraqueceu a luta dos trabalhadores, também no nosso sindicato. Precisamos urgentemente superar esse programa e confiar principalmente nas nossas próprias forças.

Até certo ponto, também os métodos da burocracia sindical da CUT nos contaminaram ao longo das últimas décadas. Apesar de toda democracia no SINTUSP, é evidente, por exemplo, o grande personalismo presente na construção das nossas lideranças sindicais, divergências políticas são muitas vezes tratadas como desavenças pessoais, cria-se uma dependência absoluta deste ou daquele dirigente para resolver determinados assuntos, há pouquíssima rotatividade na divisão de tarefas e posições na entidade.

Essas são apenas algumas expressões dos problemas programáticos e metodológicos, resquícios do ciclo petista que nos desmoraliza e a todo movimento sindical. Precisamos resolver urgentemente esses problemas para fortalecer o nosso sindicato, reconecta-lo com setores mais amplos da categoria e enfrentar os grandes desafios do nosso tempo. Prendermo-nos ao passado, prendermo-nos ao PT e às concepções históricas que hegemonizaram a esquerda até aqui, nos levará a derrotas cada vez maiores.

Assinam:

Amanda Ferreira (ECA)

Felipe Cavalheri (SESMT)

Felipe Sunaitis (FFLCH)

Gustavo Carneiro (IP)

João Borghi (FFLCH)

Reinaldo Souza (FE)

Contribuição 4

MOVIMENTO NOSSA CLASSE E INDEPENDENTES

Conjuntura Nacional e Internacional

INTERNACIONAL

Diante da crise capitalista e suas consequências é necessário uma resposta da nossa classe com independência de classe e uma estratégia socialista para que sejam os capitalistas que paguem pela crise.

Considerando que:

A crise de 2008 re-atualizou a definição de que vivemos em uma época de crises, guerras e revoluções mostrando as tendências mais destrutivas do sistema capitalista. Nesse contexto, é central enfrentarmos a partir da luta independente da nossa classe o imperialismo, seus avanços militaristas e as suas políticas de dominação política e econômica.

A invasão reacionária da Ucrânia pela Rússia deve ser rechaçada de forma independente pela classe trabalhadora, denunciando o papel do imperialismo e da OTAN e sem nenhuma confiança no governo Zelensky.

Estamos diante do maior massacres de um povo na história do século XXI, o massacre ao povo palestino. Em pouco mais de cinco meses, são mais de 30 mil palestinos mortos e milhões passam fome. A grande mídia brasileira tem sido cúmplice e a extrema direita sionista, com Bolsonaro, Tarcísio e Milei na América Latina, faz campanha em defesa da barbárie que Israel promove com apoio do imperialismo dos EUA de Joe Biden. Repudiamos essa cumplicidade reacionária com o genocídio colonialista de Israel! Vimos o ataque à Lula por suas declarações contra o genocídio e rechaçamos estes ataques, de forma independente do governo. Isso porque o governo Lula mantém até agora todas as relações econômicas, militares e diplomáticas com o Estado sionista e são diretamente as armas de Israel que matam e reprimem os negros nas favelas e periferias.

Os trabalhadores devem se somar ativamente na campanha internacional de solidariedade ao povo palestino. Trabalhadores portuários de diversos países já se recusaram a embarcar armamentos para Israel. Milhões de manifestantes tomam as ruas no mundo inteiro pelo cessar-fogo.

Eclodiram revoltas sociais e uma crise de legitimidade dos regimes políticos nos países centrais e o fortalecimento da extrema direita internacionalmente. Para evitar a catástrofe capitalista é necessário batalhar para que as revoltas avancem em transformar em processos revolucionários para que a classe trabalhadora possa se constituir como sujeito político hegemônico e independente dos patrões, dos governos e das instituições capitalistas, intervindo de forma organizada com seus métodos históricos de luta, como. É fundamental superar o atrelamento e subordinação das organizações de massas ao Estado e, através da auto-organização da nossa classe, os limites impostos pelas burocracias sindicais que atuam para manter a fragmentação da classe trabalhadora e sua separação dos movimentos sociais e dos setores oprimidos.

Na Argentina, a classe trabalhadora, junto às mulheres, à juventude e aos setores oprimidos, mostra um caminho de como enfrentar a extrema direita e seus ataques através da auto-organização e da mobilização nas ruas, de forma independente, enfrentando uma dura repressão. Dando um grande exemplo na luta para que a crise seja paga pelos capitalistas e não pelos trabalhadores, como quer Javier Milei. Contando com o importante impulso da esquerda reunida na FIT-Unidade, em particular o PTS, que liga a intervenção orgânica no movimento operário e nos movimentos sociais a partir de muitos locais de trabalho e estudo e a atuação revolucionária no parlamento, para fortalecer a mobilização independente, sem nenhuma conciliação, e aprofundar as primeiras experiências de auto-organização, ligando as assembleias de bairro às estruturas produtivas e concentrações da classe trabalhadora. Esse enfrentamento está somente começando, mas nesses primeiros meses do governo de Milei impôs as primeiras derrotas importantes aos seus planos ajustadores, que são um alento para essa luta, e também para a classe trabalhadora no Brasil e em toda a América Latina.

Propomos:

1) Que o Sintusp reafirme que a luta dos trabalhadores é uma luta internacional e a luta da classe trabalhadora brasileira deve ser parte da luta dos trabalhadores de todo o mundo contra a exploração capitalista! Que a crise seja paga pelos capitalistas! Por uma sociedade sem classes, exploração e opressão! Por um governo de trabalhadores de ruptura com o capitalismo rumo a uma sociedade comunista!

2) Participar com força dos atos e campanhas pelo fim do massacre ao povo palestino exigindo que as centrais sindicais, como CUT e CTB, saiam de sua paralisia e construam em cada local de trabalho estas campanhas.

Retirada das tropas israelenses em Gaza e Cisjordânia. Abaixo ajuda financeira e militar dos Estados Unidos a Israel; Ruptura de todas as relações diplomáticas e econômicas entre Brasil-Israel; Pelo direito a autodeterminação do povo palestino! Que todos os Palestinos possam retornar a seu território histórico na Palestina e reconstruir suas vidas, onde árabes e judeus, assim como todos os trabalhadores independentemente de sua religião ou cultura, possam conviver em harmonia. Por uma Palestina Livre, Operária e Socialista, do rio ao mar.

3) Que o Sintusp se posicione com uma política de independência de classe contra a guerra na Ucrânia se posicionando pela retirada das tropas russas da Ucrânia! Abaixo a ofensiva da OTAN no Leste Europeu e o armamento imperialista. Por uma Ucrânia operária e socialista na perspectiva dos Estados Unidos dos Socialistas da Europa.

4) Abaixo o governo golpista de Dina Boluarte. Todo apoio à luta do povo peruano.

5) Não à ameaça de nova intervenção militar no Haiti! Fora o imperialismo do Haiti e da América Latina e Caribe! Pelo direito à autodeterminação do povo haitiano! Fora tropas do Brasil e da Monusco (Missão das Nações Unidas na República Democrática do Congo) da República Democrática do Congo!

6) Devemos seguir o exemplo da luta dos trabalhadores na Argentina contra Milei e lutar contra a extrema direita com mobilização e de forma independente, sem conciliação, exigindo das burocracias sindicais um plano de luta e a construção de uma greve geral.

NACIONAL

É preciso independência de classe e auto-organização da classe trabalhadora para enfrentar os ataques e a extrema direita: basta de conciliação, fortalecer a luta unificada e independente da nossa classe!

Considerando que:

O governo de Frente Ampla de Lula-Alckmin completa um ano e quatro meses e manteve intactos os principais ataques dos governos de Temer e Bolsonaro, como as reformas trabalhista e da previdência e os compromissos com os lucros da burguesia aprovando ataques como o Arcabouço Fiscal, a Reforma Tributária e a Lei Orgânica das Polícias. Agora o governo Lula apresentou seu PL da Uberização que consolida a uberização do trabalho, um dos mais terríveis processos de precarização nas últimas décadas. O PL se refere aos motoristas, mas prepara a generalização dessa forma de trabalho. Os governos do PT foram marcados por ampliar a terceirização que saltou de 4 para quase 13 milhões e essa forma de precarização do trabalho foi um pilar do seu projeto de país. Agora atua para que a precarização e fragmentação da nossa classe avance ainda mais, consolidando a uberização. É tarefa central lutar contra esse PL e por plenos direitos trabalhistas aos trabalhadores por aplicativo, com reconhecimento do vínculo empregatício e responsabilização das empresas dos aplicativos por esses direitos, exigindo das centrais sindicais um plano de luta que fomente a auto-organização, para combater também a política da direita, que faz demagogia em defesa da “autonomia” para atrair os trabalhadores, para manter a uberização da forma que ela já é hoje, sem nenhuma limitação à jornada de trabalho ou direito de sindicalização.

O governo de Frente Ampla mantém uma relativa estabilidade se apoiando nas instituições de um regime político degradado na atual conjuntura. A administração do capitalismo e a governabilidade na democracia dos ricos se materializa nas inúmeras relações e acordos do governo de Frente Ampla com figuras da extrema direita. É o caso da relação com Tarcísio, que leva a frente seu plano se apoiando no Arcabouço Fiscal de Lula-Alckmin e nos financiamentos do PAC do governo federal para avançar na privatização da SABESP, CPTM e Metrô, atacando duramente os metroviários linha de frente da luta contra as privatizações, demitindo 8 metroviários por lutar.

Nesse sentido, vemos como a política de conciliação de classes não combate a extrema direita, ao contrário, só abre o caminho para o seu fortalecimento.

A favor do governo e dos patrões está a paralisia que as grandes centrais sindicais como a CUT, Força Sindical, UGT, CTB mantém, subordinando a classe trabalhadora aos interesses dos patrões e mantendo a fragmentação e a divisão das lutas que ocorrem no país. Frente a isso, batalhamos pela frente única operária, ou seja, pela unidade da nossa classe na luta, exigindo dessas direções sindicais que construam pela base, em espaços de auto-organização da classe, um plano de luta para barrar os ataques que nossa classe está sofrendo, e revogar todo o legado do golpe institucional. Nesse momento, há uma onda inicial de greves protagonizadas por setores da educação, como os trabalhadores das universidades e institutos federais, e os servidores municipais de São Paulo e Salvador, que concretizam o chamado à unificação dessas lutas!

O silêncio de Boulos nas greves, mesmo na dos trabalhadores municipais de São Paulo contra os ataques do reacionário Nunes, expressa como o PSOL em SP busca uma nova frente ampla nas eleições municipais. Com a vice Marta Suplicy, golpista de 2016, apoiadora das reformas trabalhistas e da previdência, que até o início deste ano era parte da prefeitura do bolsonarista Ricardo Nunes, se escancara a política da conciliação de classes que fortalece a extrema direita. Ao contrário, nossa classe precisaria de uma expressão política nas eleições dos setores que defendem uma política de independência de classes, a serviço das lutas.

Propomos:

1) Reafirmar a independência de classes do sindicato em relação ao Estado capitalista e suas instituições como o Judiciário, Congresso, aos governos e patrões aprofundando seu caráter classista, democrático e combativo de nosso sindicato.

2) A conciliação de classe é o que abre caminho para a extrema direita. Para derrotar a extrema-direita e os ataques do governo Bolsonaro, também do governo Lula-Alckmin e os ataques de Tarcísio em SP precisamos apostar na força da luta e organização independente da classe trabalhadora e dos setores oprimidos. Para isso é fundamental a mais ampla democracia operária e impulsionar fortemente a auto-organização desses setores para superar as burocracias sindicais;

3) Denunciar a subordinação das grandes centrais sindicais ao governo de Frente Ampla e exigir que construam um plano de lutas a partir de assembleias nos locais de trabalho, impulsionando uma forte aliança junto a todos os setores oprimidos para revogar integralmente as reformas e todos os ataques, como o arcabouço fiscal, a reforma tributária e as privatizações;

4) Lutar pela unidade da classe trabalhadora e contra a precarização do trabalho defendendo os setores mais precarizados e terceirizados. Lutar por iguais direitos e salários para os trabalhadores terceirizados e pela sua efetivação sem necessidade de concurso público;

5) Rechaçar o Projeto de Lei da Uberização de Lula-Alckmin pois está a serviço das empresas de aplicativo e contra os trabalhadores precarizados. Defender plenos direitos trabalhistas para os trabalhadores precarizados de aplicativo, com o reconhecimento do vínculo de emprego e que as centrais sindicais organizem um plano de lutas que levante com força essas demandas;

6) Fortalecer o trabalho com o Manifesto contra a Terceirização e a Precarização do Trabalho utilizando também como ferramenta contra o PL da uberização;

7) Lutar contra as privatizações da Sabesp, Metrô e CPTM, e a perseguição aos lutadores, com centralidade para a luta pela reintegração de todos os metroviários demitidos por lutar! Contra as demissões em massa dos professores categoria O, a reforma administrativa e os cortes na educação batalhando por assembleias e comandos de mobilização unificados entre as categorias. Pela reintegração de Mancha (metalúrgico, dirigente do Sindicato dos metalúrgicos de São José dos Campos).

Assinam:

MOVIMENTO NOSSA CLASSE E INDEPENDENTES

Contribuição 5

Diretoria do Sintusp INTERNACIONAL

Considerando que:

Vivemos um período de aprofundamento da crise estrutural do capitalismo com o crescimento da destruição das forças produtivas (trabalho humano) sem retorno. Chegamos na disjuntiva prevista pelo marxismo, muito apontada pela revolucionária alemã Rosa Luxemburgo: socialismo ou barbárie. O capitalismo é um sistema internacional de exploração e opressão que descarrega os efeitos de suas crises econômicas, como a de 2008, sobre as costas da classe trabalhadora e dos setores oprimidos mundialmente e que vimos explodir internacionalmente uma série de revolta sociais, guerras como a reacionária guerra da Ucrânia, massacres, devastação ambiental, aprofundamento da desigualdade social, ampliação da miséria e degradação das condições de vida e trabalho da classe trabalhadora e os setores oprimidos. Estamos presenciando um dos maiores massacres de um povo registrado na história recente. Em pouco mais de quatro meses, foram cerca de 30 mil palestinos assassinados, em sua maioria crianças e mulheres e há mais de 7 mil pessoas ainda sob os escombros, com milhões de pessoas obrigadas a abandonarem suas casas. Esse genocídio vem sendo levado a frente a mais de 75 anos pelo Estado terrorista e genocida de Israel com o apoio dos EUA, das potências europeias e da extrema direita internacional. Na América Latina, Milei, Bolsonaro e Tarcísio são expressões dessa extrema direita que faz campanha em defesa da barbárie que o Estado de Israel promove em Gaza com o apoio do imperialismo estadunidense liderado por Joe Biden. É nesse contexto que têm surgido novos fenômenos políticos que se expressam por um lado em figuras da extrema direita como Milei na Argentina e a possibilidade de que Trump seja reeleito nos EUA, de outro lado as alternativas da esquerda neo-reformista como o Podemos na Espanha e o Syriza na Grécia ou dos chamados governos progressistas, que se propõem a administrar o capitalismo, ainda que com um verniz democrático e progressista, mostraram seu completo fracasso. Essas alternativas de conciliação de classes não apenas não deram uma saída à crise como aprovaram novos ataques à classe trabalhadora e mantiveram e aprofundaram seu compromisso com os capitalistas nacionais e internacionais.

Na França vimos uma forte greve geral contra as medidas de Macron e processos agudos de luta de classes no Chile, Colômbia, Equador, Bolívia, EUA, Estado Espanhol, Hong Kong, Myanmar, Sri Lanka e países do norte da África, para citar alguns. É um importante ponto de apoio ver que, diante do massacre ao povo palestino, vimos os trabalhadores portuários de Barcelona, Bélgica, Estados Unidos, Austrália e outros países se recusarem a embarcar armamentos para Israel e manifestações de milhões de pessoas tomando as ruas no mundo inteiro pelo cessar-fogo imediato. Nosso sindicato carrega em sua trajetória a defesa dos interesses da classe trabalhadora e dos explorados e oprimidos de todo o mundo por considerar que a classe trabalhadora é uma só e sem fronteiras. Nossa luta é contra a exploração capitalista, por uma sociedade sem classes, com direito à autodeterminação dos povos.

Agora no início de ano, na Argentina, o povo trabalhador e a juventude deram um forte exemplo de como enfrentar a extrema-direita e os ataques: a força das manifestações nas ruas fez o governo Milei recuar na sua “Lei Ômnibus” que teria por objetivo precarizar as condições de trabalho, renda e aposentadoria do conjunto da população. Assim, os trabalhadores argentinos apontam um caminho para enfrentar e derrotar a extrema-direita e seus ataques, através da auto-organização e da mobilização nas ruas, de forma independente, enfrentando uma dura repressão.. Um alento para a classe trabalhadora no Brasil e em toda a América Latina.

Propomos:

1) Reconhecer que a luta dos trabalhadores é uma luta internacional e a luta da classe trabalhadora brasileira deve ser parte da luta dos trabalhadores de todo o mundo contra a exploração capitalista! Pelo Internacionalismo da classe trabalhadora. Que a crise seja paga pelos capitalistas! Por uma sociedade sem classes, exploração e opressão!

2) Manter e fortalecer o posicionamento do Sintusp de apoio e solidariedade ao povo palestino pelo fim a esse massacre, pelo fim dos bombardeios e retirada imediata das tropas de Gaza e da Cisjordânia! Pela ruptura das relações Brasil-Israel e que a USP rompa suas relações com o Estado de Israel. Que as grandes centrais sindicais tomem a defesa do povo palestino, incorporando-se e construindo os atos contra o massacre de Israel ao povo palestino. Pelo fim do Estado de Israel! Por uma Palestina livre, operária e socialista, do rio ao mar!

3) Total repúdio a ameaça de nova intervenção no Haiti! Fora o imperialismo do Haiti e da América Latina e Caribe! Pelo direito à autodeterminação do povo haitiano!

4) Seguir denunciando a guerra na Ucrânia como uma guerra reacionária e exigindo a retirada das tropas russas de Putin da Ucrânia, pelo fim da OTAN! Nem intervenção imperialista, nem interferência militar russa na Ucrânia. Nenhuma confiança na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e em Zelensky! Contra o rearmamento da Alemanha e Europa! Apoio a deserção do exército russo! Todo apoio à luta independente do povo ucraniano, contra a invasão russa, e contra a política de Zelensky e da OTAN! Por uma saída de independência de classe apoiada na mobilização internacional! Solidariedade a todos os perseguidos políticos. Por uma Ucrânia independente, operária e socialista.

5) Seguimos a luta pela liberdade de Cesare Battisti e Mauricio Hernandez Norambuena e todos perseguidos e presos políticos do capitalismo.

6) Defendemos todos os imigrantes e refugiados que chegam ao nosso país, pois nenhum ser humano é ilegal! Reafirmamos nossa participação na construção da Rede de Solidariedade Internacionalista, através da CSP-Conlutas.

7) Tomar o exemplo do povo trabalhador na Argentina difundindo fortemente que é através da mobilização independente, sem nenhuma conciliação, que nossa classe pode derrotar os ataques e a extrema direita.

NACIONAL

Considerando que:

Nosso congresso ocorre em meio há um ano e quatro meses do governo de Frente Ampla de Lula-Alckmin, que foi eleito anunciando sua subordinação aos interesses das grandes potências capitalistas, como os Estados Unidos, seu compromisso com a manutenção das reformas neoliberais e anti-operárias, como a trabalhista, a reforma da previdência, as privatizações e todos os compromissos com os empresários, banqueiros, latifundiários e militares. Avançou em ataques, como a aprovação do arcabouço fiscal para manter o pagamento da dívida pública e agora a PL da Uberização. O governo Lula-Alckmin segue fortalecido e se apoia nas instituições do regime como o Judiciário e o Congresso para manter a estabilidade política em prol dos interesses da classe dominante e vem mantendo uma relação de colaboração com figuras da extrema-direita como Tarcísio de Freitas em relação às privatizações.

Tarcísio de Freitas quer ser o representante da extrema direita nacional nas eleições de 2026 e é a serviço disso que está seu plano de guerra ao povo trabalhador com as privatizações da Sabesp, CPTM, Metrô, demissão dos metroviários que lutaram contra as privatizações, demissão de milhares de professores categoria O, vem fazendo no litoral as maiores chacinas desde o Carandiru e prepara novos ataques como a

reforma administrativa. Para isso, se apoia em medidas do governo Lula-Alckmin como o Arcabouço Fiscal, repasse de verbas federais milionárias para obras, concessão de cargos em ministérios e a declaração inequívoca de Lula que disse que Tarcísio terá de seu governo tudo o que for necessário.

A administração do capitalismo brasileiro pelo governo Lula-Alckmin se apoia em contradições estruturais profundas do país como a precarização das condições de vida e trabalho, a repressão, o racismo profundo e a opressão às mulheres e o genocídio praticado contra a população indígena. Agora, com plataformas como Uber e Ifood, a precarização avança rapidamente com a ajuda do judiciário e do próprio governo federal. É nesse contexto que Lula apresentou seu Projeto de Lei da Uberização que busca consolidar de forma legalizada a uberização do trabalho, que é um dos mais importantes processos de precarização do trabalho nas últimas décadas internacionalmente, e está ligada a outros ataques, como a reforma trabalhista no Brasil. O PL prepara a generalização da legalização dessa forma de trabalho amplamente, e portanto o avanço desse processo de retirada de direitos e de aprofundamento da fragmentação da classe trabalhadora. Diante de tudo isso temos visto as grandes centrais sindicais se alinharem com o governo federal defendendo suas políticas e subordinando a classe trabalhadora às instituições como o STF e o Congresso Nacional.

É por tudo isso que só é possível combater a direita, a extrema direita e os ataques apostando na luta de classes e nas ruas com uma política de independência de classe diante da Frente Ampla, do Congresso e do Judiciário. O PSOL tenta vender a ideia de que para derrotar a extrema-direita é necessário se aliar com Marta Suplicy, ex-integrante do próprio governo de Nunes, apoiadora da reforma trabalhista e do processo de impeachment da Dilma. Defendemos um sindicalismo independente dos governos, dos patrões, classista, combativo e democrático e batalhamos pelo fortalecimento da CSP-Conlutas como um polo de independência de classes e que busque apoiar e unificar as lutas que ocorrem nacionalmente. Consideramos fundamental exigir que as grandes centrais sindicais, principalmente aquelas dirigidas pelo PT e pelo PCdoB, mas também a Força Sindical e UGT saiam da paralisia e organizem um plano de lutas construído a partir de assembleias e reuniões nos locais de trabalho para barrar todos ataques.

Propomos:

1) Que o SINTUSP siga exigindo que as grandes centrais sindicais como a CUT, a Força Sindical, UGT, CTB saiam da paralisia e impulsionem um plano de lutas para enfrentar todas as reformas e ataques, de forma independente do governo e construído nos locais de trabalho e estudo para impor a revogação das reformas, do arcabouço fiscal e do marco temporal e impedir que nos estados se avancem em ataques duríssimos como a reforma administrativa e as privatizações preparada por Tarcísio em SP.

2) Manifestar todo apoio à luta dos servidores federais. Contra o desmonte das universidades e a precarização das condições de trabalho, estudo, ensino e pesquisa, e pela plena liberdade de pesquisa e de debate nas universidades.

3) Lutar pelo fim da chacina no litoral paulista e todas as chacinas que ocorrem nacionalmente como na Bahia governada por Jerônimo Rodrigues (PT). Julgamento e punição de todos os policiais envolvidos, começando pelo Secretário de Segurança, Guilherme Derrite. Abaixo a violência policial e o genocídio da população preta e periférica. Pelo fim de todas as polícias.

4) Lutar contra a terceirização e a precarização do trabalho. Abaixo a PL da Uberização que regulariza a retirada de direitos, pela garantia de plenos direitos trabalhistas para todos trabalhadores e trabalhadoras por aplicativos, com reconhecimento do vínculo de emprego para responsabilizar as empresas por trás dessas plataformas. Efetivação de todos os terceirizados, sem concurso no caso do serviço público e por iguais direitos e salários.

5) Para enfrentar a degradação das condições de vida e trabalho precisamos debater e votar um programa operário para enfrentar a crise que parta da batalha pela revogação de todas as reformas, privatizações e o arcabouço fiscal e pelo não pagamento da dívida pública e inclua a luta pelo congelamento dos preços, reajuste salarial de acordo com a inflação e garantia do salário mínimo do Dieese para todos. pela redução da jornada de trabalho sem redução dos salários para combater o desemprego e para defender

os empregos apontar a necessidade de expropriação das empresas que fecham ou demitam e a reestatização sem indenização de todas as empresas privatizadas sob controle dos trabalhadores

6) Abaixo a criminalização das lutas e dos (as) lutadores (as), pelo fim da Lei antiterrorismo e repressão aos movimentos sociais e à esquerda e em defesa do direito de organização sindical e política e contra os ataques às liberdades democráticas. Punição aos torturadores e assassinos da ditadura bem como seus financiadores. Apoiamos o direito da classe trabalhadora à autodefesa contra os ataques da patronal e do Estado através da sua auto-organização e independência da própria classe trabalhadora.

7) Contra a especulação imobiliária e por um plano de obras públicas sob controle dos trabalhadores e por maior investimento em educação, moradia, saneamento básico e saúde e um SUS 100% público e estatal, sob controle dos trabalhadores e usuários. Basta de OSs e Fundações Privadas administrando os serviços públicos.

8) Em defesa da Amazônia e de todas as nossas florestas e áreas de proteção ambiental.

9) Proteção aos povos originários e sua cultura e demarcação de todas as terras indígenas e quilombolas. Não ao Marco Temporal.

10) Reestatização da Vale e de todas as empresas privatizadas sob gestão dos trabalhadores, controle popular sem indenização aos capitalistas.

11) Reforma agrária sem indenização do latifúndio e agronegócio, controle dos trabalhadores e defesa da agricultura familiar.

12) Punição de todos os torturadores e abertura dos arquivos da ditadura. Pela revogação da Lei da Anistia.

13) É tarefa dos trabalhadores e de suas entidades debaterem e organizarem sua autodefesa através da auto-organização e independência da própria classe trabalhadora.

14) Fortalecimento da CSP-Conlutas como um polo de independência de classes e que busque apoiar e unificar as lutas que ocorrem nacionalmente de forma independente do governo de Frente Ampla, do Congresso e do Judiciário;

Assina:

Diretoria do Sintusp